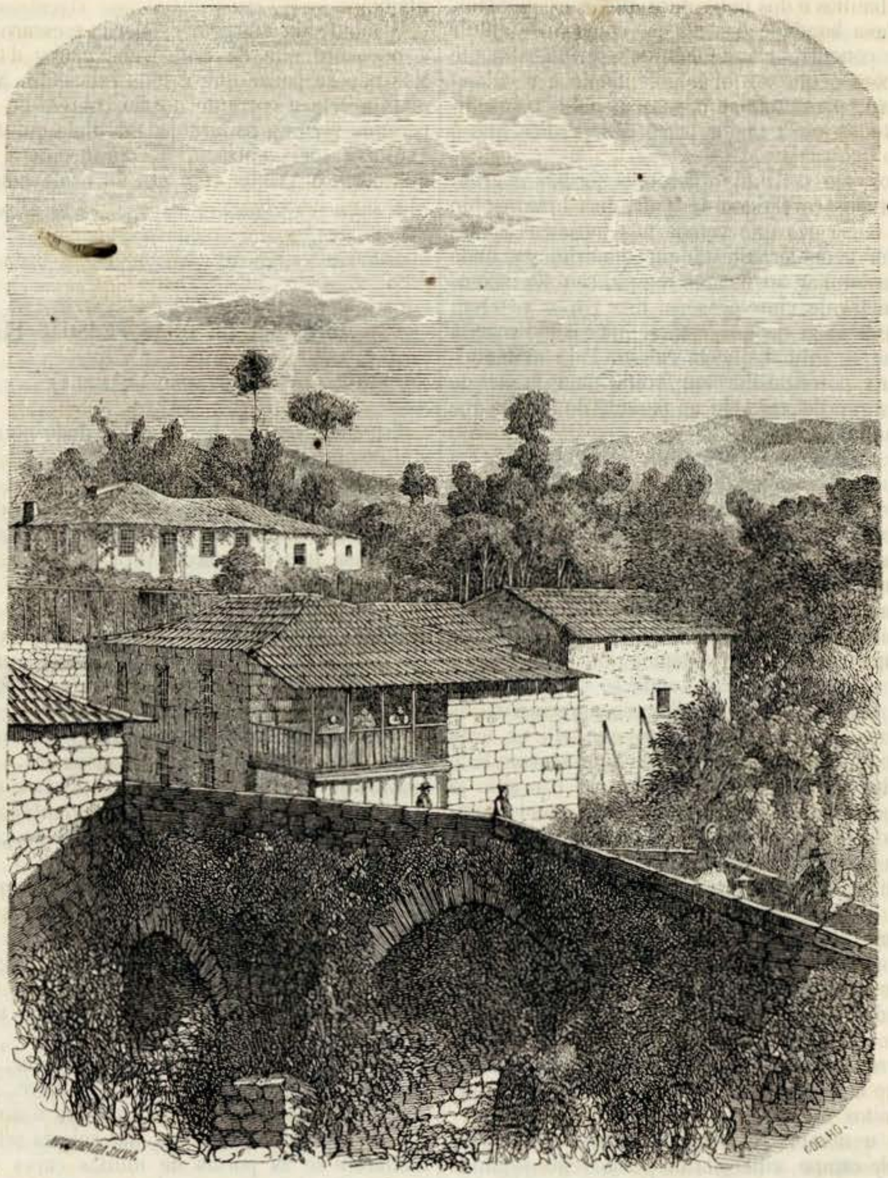


Caldas de Vizella — Desenho de Nogueira da Silva — Gravura de Coelho

A uns sete kilometros da cidade de Guimarães para o lado do sul está o logar das Caldas de Vizella. Acha-se sentada esta pequena e linda aldeia em um fresco e dilatado valle, toda rodeada de arvoredos, e de viçosos campos, que o rio Vizella corta e fertilisa.

No centro da povoação vê-se um passeio publico denominado da *Lameira*, cercado de muro baixo, com duas portas de ferro em correspondencia, uma em cada extremidade. Este passeio é dividido em ruas guarnecidas de arvores e de buxo, com uma fonte no meio. Tem na frente uma pouco espaçosa praça, que serve de mercado. Pelo lado esquerdo e pelo fundo correm duas ruas perfeitamente alinhadas e orladas de casas sobradadas, que os proprietarios conservam com muito aceio e bem caiadas para alugar na estação propria ás pessoas que ahi concorrem aos banhos thermaes. Pelo lado direito prolonga-se outra rua, onde estão varias casas de banhos, e uma fonte d'aguas sulfureas que brotam quasi a ferver.

Proximo da entrada do passeio, para a esquerda, tambem estão algumas casas de banhos.

As mais casas d'esta aldeia ou sobem, espalhadas, por uma encosta algum tanto arida, e desviada do rio, ou se apinhoam sobre uma collina das margens do Vizella, entremeiadas e coroadas de tão denso arvoredo, que, sem serem bellas, offerecem á vista bellissimos paineis, como se póde julgar pela gravura que juntâmos.

A egreja parochial é dedicada a S. Miguel.

Estas caldas foram conhecidas e frequentadas pelos romanos, que ahi construiram banhos publicos, não reunidos dentro de um edificio, mas sim dispersos nos sitios em que rebentam as diversas nascentes.

Dizem que edificaram ahi um templo consagrado a Ceres, e é provavel que fundassem n'esse logar uma povoação; entretanto, se assim succedeu, não restam d'ella vestigios. Os proprios banhos jazeram por seculos soterrados, e sem noticia que commemorasse

a sua existencia, até que, não ha muitos annos, foram descobertos uns após outros. Tratou-se depois de os desentulhar, e de lhes construir ou desobstruir os encanamentos, edificando-se pequenas casas para resguardo dos banhos e dos individuos que os frequentam.

Conhecida a bondade das aguas, começou a affluir alli grande concurrencia de familias, principalmente do Porto, com o que se foi augmentando e regularisando a terra, plantando-se o passeio publico, e edificando-se todos ou a maior parte dos predios que o circundam.

Os banhos são de mui differentes fórmas e grandeza, mas todos revestidos de pedrinhas brancas, do tamanho e feitio das que vemos nos mosaicos romanos. O maior é um grande tanque quadrilongo, onde se poderiam banhar ao mesmo tempo, sem se incommodarem, mais de vinte pessoas. Este porém não tem uso, porque a agua de que está sempre cheio cozeria qualquer corpo animal que lá caísse. Para evitar algum sinistro pozeram-lhe em volta uma grade de ferro, que serve de varanda ao passeio de lagedo que cérca o tanque.

Ha outro tanque tambem grande, mas circular, em que se banham juntamente uns seis individuos. Por esta razão é destinado para as classes menos abastadas. Outros banhos são de dimensões apropriadas a uma só pessoa.

Offerecem estas caldas uma vantagem que não se encontra facilmente em qualquer paiz, a qual consiste nas variadas temperaturas dos seus banhos, desde a da agua quasi fervente até á tépida, ou quasi fria.

Se estivessem em um paiz, onde se cuidasse mais da saude publica, e onde melhor se apreciassem as suas riquezas naturaes, ha muito que alli se teria fundado um bom estabelecimento de banhos, com todo o genero de commodidades e confortos; e o sitio já estaria transformado n'um perfeito eden, onde competissem as diversões com a belleza dos jardins e com a elegancia das habitações.

Pois o sitio presta-se maravilhosamente a tudo isso. A natureza reuniu n'elle os encantos e contrastes, que mais podem concorrer para fazer um logar ameno e delicioso, um quadro pittoresco e formoso.

O rio Vizella nasce nas terras do couto de Pedraydo. Depois de discorrer tranquillamente por entre prados vecejantes, brincando com a ramagem das arvores que lhe bordam as margens, logo abaixo das citadas Caldas corre arrebatado em estreito e fundo valle, formado por altos montes pedregosos.

Coroa-se o monte da margem esquerda com uma linda casa de campo, edificada modernamente segundo o gosto da architectura gothica. É um pequeno edificio de um só pavimento terreo, com as janellas e portas ogivaes, e cercado de uma alpendrada com suas guarnições floreadas. Pelo lado da frente apoia-se a alpendrada sobre um muro que faz peitoril á varanda.

E que formosa perspectiva se goza d'ahi! Aos pés do espectador começa a escarpa do monte a descer para o rio com tão ingreme declive, que parece quasi cortada a prumo. Para ambos os lados da frontaria da casa desce egualmente o monte com mais suave pendor, mas todo eriçado de penedos. Porém essa encosta, outr'ora agreste, transformou-a a arte em jardim. Por entre as fragas serpeiam tortuosas sendas, e crescem mil arbustos de graciosas flores. Aqui touca-se a rocha com a folhagem lustrosa do jasmim do Cabo; alli ergue-se com magestade uma frondosa camelia do meio de um grupo de penhascos; além entrelaçam-se os convolvos com os lilazes para fazer toldo ao caminho.

Tal é a propriedade do sr. Vilby, negociante britanico da praça do Porto, ou pelo menos assim era quando ha annos a visitámos.

Tornando á varanda vê-se lá em baixo, muito em baixo, o Vizella saltando ruidoso sobre as pedras do seu leito, e quebrando-se com fragor contra um enorme rochedo, que o obriga a dividir-se em dois braços, que logo se unem, depois de contornar uma ilhota.

O monte da margem esquerda é escarnado e triste. É o escuro que dá realce aos claros d'este quadro. Mas não se pense que é todo inhospito. No sitio onde mais aperta a corrente do rio cobrem-no em parte de perenne verdura os laranjaes de uma quinta, cuja casa avulta a meia encosta, e sobranceira a uma ponte, que corta o Vizella com um só e elevado arco.

I. de Vilhena Barbosa.

HISTORIA DE DUAS PESSOAS FEIAS

(imitação de Mery)

Era uma vez um homem de edade equivoca. Vivia só. Davam-se-lhe á primeira vista... de vinte a cincoenta annos.

Não era comtudo esta particularidade o que o tornava celebre: chamava-se Elesbão, e a sua fealdade horrorosa não recordava outra de que se tenha noticia no sexo masculino, que não é bello como o outro, seu perigoso visinho.

Tinha este defeito natural taes proporções, que se havia elevado á altura de um crime contra a sociedade. Quando o homem encontrava, a poder de pesquisas, um quarto aceiado n'uma rua decente, o senhorio não deixava nunca de lhe fazer uma visita penosa, e despedia-o no fim do semestre.

Elesbão exigia que se lhe explicasse o motivo de o pôrem na rua, sem a menor attenção; o senhorio erguia os olhos ao tecto, com um suspiro em resposta.

Elesbão insistia; o senhorio então gaguejava algumas phrases nebulosas, por entre as quaes se distinguia que os *inquilinos se tinham queixado!*

—Queixado de que?—exclamava o desgraçado Elesbão.

—Ah! respondia o senhorio, fitando um espelho; e saia logo depois do ah!

Nas tardes de verão, depois de jantar, a população de Cacilhas gosta de respirar o ar livre. Na chamada rua das Terras, que é onde morava o nosso homem, era trivial, durante o estio, das seis ás sete horas, esmaltarem-se as portas de muitas caras feias; pois, quando Elesbão, usando dos seus direitos de cidadão, tentava moldurar-se á sua porta para tomar o fresco, os rostos visinhos tomavam logo por véo a porta fechada, e escutava-se um ruido de fechaduras e chaves, como se receassem a invasão da fealdade do visinho.

Dois acontecimentos acabaram de esclarecer Elesbão ácerca da sua situação nova, e muito melhor do que o poderia fazer um espelho de Veneza ou de Paris.

Um dia o sargento da sua companhia, não sei já de que *bataréo*, enviou-lhe a baixa, sem lhe dar explicação alguma. No quartel general, onde toda a gente não é já de si muito bonita, decretou-se que o sr. Elesbão seria dispensado do serviço, em resultado da sua fealdade paradoxal.

Esta decisão foi entregue ao coronel, que tinha um nariz immenso, fluctuando ao acaso sobre constellações anteriores á vaccina, e abria com o queixo um parenthesis formidavel.

O coronel exigiu os signaes de Elesbão com o processo de suas atrocidades physionomicas, e pareceu excessivamente quisilado de haver tido um cabo d'es-

quadra esculpido por tal fórma que comprometttia a ordem publica, divisa da sua bandeira.

Elesbão recebeu a sua baixa.

Todavia, com aquella delicadeza de que nenhuma praça dos batalhões nacionaes soube jámais privar-se, occultou-se cuidadosamente ao infeliz a causa da sua desventura, e coloriram-n'a não sei já com que pretexto polido e engenhoso.

A baixa dizia que Elesbão estava dispensado do serviço por se attender á sua qualidade de orphão.

Para que se diga aqui toda a verdade, Elesbão tudo seria menos orphão.

Ao contrario, tinha um pae authentico e uma mãe coquette na edade de cincoenta e dois annos, apesar d'ella contrariar a certidão de baptismo, accusando tres lustros de menos.

A infancia de Elesbão fôra symbolisada por um incidente rarissimo nas familias. O pae despediu-o de casa ainda menino por crime de fealdade escandalosa. O joven Elesbão havia-se retirado para a serra do Monsão, e alli vivia com a melancolia do mocho, alimentando-se de fructos silvestres, e das lagrimas derramadas sobre a injustiça do auctor de seus dias. Tempo depois, pela regeneração, o pae amnistiou-o, e estabeleceu-lhe uma mezada, com a condição de que não affligiria nunca o semblante de seus parentes.

Ahi está porque o quartel general o tomou por orphão.

Tornemos ao segundo incidente.

Elesbão era celibatario, o que não admirava a ninguem. Dotado de paixões vivas, e de uma sensibilidade delicadissima, como todas as pessoas feias, tinha deixado cair de vez em quando um olhar de ternura sobre algumas carinhas bonitas que encontrava, e, de repente, denunciado a paes irasciveis, fôra-lhe intimado, sob pena de duello de morte, que enterrasse sua ternura no fundo do coração, e não a patenteasse ao mundo.

Acabava elle de fazer os mais louvaveis esforços para estabelecer regularmente a sua casa de homem só, quando, e sempre pelo mesmo motivo, lhe desabou o edificio domestico.

A cozinheira deu a sua demissão. Então elle refugiou o seu appetite n'uma casa que alugava quartos, e pagou quinze dias adiantados.

A primeira aurora de felicidade principiava a brilhar. A mesa da sra. D. Celestina, nome da dona da casa, era servida com abundancia e aceio; sopa, tres pratos, etc. Os hospedes eram quasi todos deputados da provincia, e comiam como quem eram, isto é, muito.

Por isso, durante a primeira semana, os olhos de toda aquella gente, mais preoccupados do prato que do visinho, e receando sempre perderem um bom bocado disputado por appetites insaciaveis, não se fitaram sobre a fealdade monumental de Elesbão, e Elesbão tomando animo por este primeiro triumpho, em certa occasião deu o seu parecer a respeito do monumento de Camões, questão que n'esse instante se estava alli tratando.

— Segundo dizem, em roda do pedestal ha umas poucas de figuras que perturbam a grandeza e simplicidade do effeito?

— Mas porque não as sentam! — repplicou um dos deputados, que cortava os nós gordios com o garfo.

— Estatuas sentadas, senhor! — exclamou Elesbão.

O propinante, contrariado, suspendeu o garfo carregado de lombo de porco, a meia pollegada da boca, e olhou fitamente o seu contradictor.

Uma duzia de outros olhos seguiram egual direcção.

As physionomias annuvearam-se. A bulha dos dentes e da loiça interrompeu-se; a mão do trinchante parou sobre um cabrito. Um murmurio de terror circulou sob os guardanapos abertos em ar de biombo... Elesbão estava perdido!

No dia immediato, ao chegar a casa para jantar, Elesbão teve que soffrer um aviltamento que o sol não alumiára desde Catilina.

Como o leitor muito bem sabe, os senadores romanos abandonaram as suas cadeiras curues ao verem o illustre conspirador sentar-se ao lado d'elles.

Elesbão foi tratado como se tivesse lepra. Deixaram uns metros de toalha inhabitados á sua direita e á sua esquerda, e deram-lhe por *vis-a-vis* um enorme vaso de flores artificiaes.

Elesbão attribuiu este incidente ao acaso. Tonteria! O coração do homem é feito assim!

Ao expirar o praso dos quinze dias, Elesbão dirigiu-se graciosamente á dona da casa, e, dando nósinhos no lenço d'assoar, depoz doze mil réis sobre a mesa para ganhar o direito dos quinzes dias futuros.

A sra. D. Celestina, afastou a vista, e rejeitando com um dedo esse dinheiro, disse:

— Tenho muita pena, mas vossa senhoria foi o ultimo hospede que chegou, e já não ha logar á mesa.

— Não ha logar! redarguiu o estupefacto Elesbão. Ha ainda logar para quatro, ao meu lado, e em frente um jarro de flores que occupa o espaço de tres talheres.

— É como lhe estou dizendo, meu rico, não ha logar! — disse D. Celestina erguendo os olhos ao tecto, e com uma accentuação cheia de angustia.

Elesbão metteu o lenço d'assoar na algibeira, e balbuciou timidamente esta phrase:

— Persuado-me, minha senhora, que não faltei aos deveres da civilidade e do uso...

— Não faltou a coisa alguma, senhor, disse ella com os olhos fechados, mas é o mesmo, irá jantar a outra parte.

— Se involuntariamente, disse Elesbão n'um tom severo, escandalisei alguem, estou prompto a...

— Não escandalisou ninguem, senhor! — disse D. Celestina tapando os olhos com o lenço.

— O outro dia, ao fallar do monumento de Camões, póde succeder que eu me excedesse.

— Acabemos com isto! exclamou a dona da hospedaria no auge da exaltação. Quer que eu lhe diga o motivo?

— Sim, minha senhora, respondeu Elesbão com uma voz innocente, orgão de um coração puro.

— Pois, meu rico, o motivo foi o que disse o senhor Mosqueira, das Sete Casas.

— Das Sete Casas?

— Sim, o sr. Mosqueira da Alfandega!

— Ah! E que foi que disse o sr. Mosqueira da Alfandega?

Disse que v. s. é feio de uma maneira intoleravel, inhabitavel, ahi tem!

Elesbão ficou transformado em estatua de sal.

Evidentemente, elle havia tido na sua vida certos momentos lucidos em que attribuia á sua fealdade a causa de muitos dos seus males; mas havia-se persuadido, graças a um espelho embaciado, que houvera deixado metade d'esse vicio original nos abysmos da sua adolescencia, e que, avançando em edade, se ia esculpindo quotidianamente um rosto mais humano.

A brutal apostrophe da dona da hospedaria fel-o recair no seu nada, face a face com a sua incomparavel hediondez.

Elesbão acariciou o pensamento de se refugiar nos campos, sob algum tecto humilde, habitado pela innocencia e pela virtude, conforme os prospectos publicados pelas coplas de comedia.

Atreveu-se um dia a visitar as aldeias, adormecidas aos pés das suas velhas egreginhas, mas não encontrou senão physionomias ironicas, sacudindo gargalhadas ao soalheiro das cabanas.

Quando passava diante de um labrêgo hirsuto, o Tytire estirado á sombra perseguia-o horisontalmente com o ar de mofa dilacerante que os faunos maliciosos transmittiram aos saloios, seus dignos successores.

— Ceos! dizia Elesbão a si proprio, fazendo-se recuar de terror, se eu cairei n'alguma emboscada agreste! e se não haverá entre estes laponios o menor escrupulo em attentarem contra os meus dias, sob o odioso pretexto de que eu não pertenço á humanidade!

Esta conjectura reconduziu-o á cidade, e logo resolveu sepultar a sua existencia no seio protector da capital.

Com que alegria não recebia elle uma d'essas visitas que lhe provavam que os seus concidadãos lhe guardavam ainda um logar entre os homens! Com que enthusiasmo pagava as decimas, as esmolas para a freguezia, e as subscripções para os necessitados! Infelizmente, esses testimunhos de felicidade vinham raras vezes, e fóra d'essas occasiões tão desejadas, o homem não via senão o nada, o deserto, o vacuo, a humilhação implacavel.

Obrigado a passar a vida comsigo mesmo, o pobre Elesbão consultou os sabios que escreveram sobre tudo e não remediaram nada.

Aprendeu que o estudo alimentava a infancia, divertia a edade madura, e deliciava a velhice. Estudou, portanto, essa multidão de livros fastidiosos de que o genero humano anda opprimido desde a invenção de Guttenberg, até que ameaçado de ophtalmia pela luz monotona das lettras do alphabeto, ameaçado do *spleen* suicida pelas semsaborias de adormecer em pé, que a bibliographia chama historias, fechou o seu gabinete de estudo a sete chaves, como uma necrópole de escriptores.

E depois, para que lhe servia a elle a instrucção? O homem que não faz officio da sciencia não se instrue senão para fazer charlatanismo da sua erudição diante dos ignorantes, e Elesbão tinha perdido a esperança de se encontrar novamente em contacto pelos labios com o ouvido de um interlocutor. Não lucraria mais do que empallidecer em cima dos livros, e essa pallidez litteraria não é de crer que o tornasse mais bonito.

Resolvendo decididamente habitar Lisboa, Elesbão entendeu por melhor ir para algum grande *hotel*, d'esses em que cada um janta no seu quarto á hora que quer. Cobriu o rosto com um lenço d'assoar encarnado, e apenas por esta concessão ultrajante é que se atreveu a entrar no hotel d'Italia. Pretextando uma constipação, conservou-se de lenço na cara em todo o tempo que fallou com o dono do *hotel;* mas esse intelligente homem suspeitou algum mysterio por baixo do lenço, e na idéa de tratar com um malfeitor, cujos signaes estivessem em poder da policia, exigiu a suppressão do lenço antes de receber Elesbão para hospede, e de tratar com elle do ajuste do quarto.

Elesbão em vez de obedecer, conchegou ainda mais o lenço sobre o piramidal nariz.

— Ah! Bem me quiz a mim parecer! disse o dono do hotel com um sorriso astuto, e indicou a porta ao infeliz viajante.

Elesbão, segurando com uma das mãos o capote, e com a outra o lenço d'assoar, retirou-se consternado. Seguiu pelo Chiado, desceu a rua nova do Almada, e teve a imprudencia de se aventurar até ás solidões do Terreiro do Paço, onde julgou distinguir nos semblantes dos que iam passando certos ares de mau agoiro, e até signaes de colera humana, pregoeiros sinistros de uma tempestade imminente.

Ferrea Aragão, o padrasto dos romancistas portuguezes, ao contemplar os transtornos que opprimiam os dois orphãos de quem nos conta a historia, exclama com uma candura pathetica: — Desditosos meninos, tão meigos e bons, que mal fizestes vós aos homens?»

O que haveria exclamado elle, se tivesse sido como eu testimunha das angustias de Elesbão! E que mal tinha elle feito aos homens, este Elesbão tão bom e tão meigo?

Que um homem seja parricida, fabricante de moeda falsa, amigo traidor, amante perjuro, envenenador, negreiro, e passeie pelas ruas de Lisboa com um semblante tranquillo, olhar limpido, nariz bem esculpido, dois labios côr de rosa, e collete côr de canario, ninguem lhe irá á mão; Lisboa honral-o-ha com vista protectora; mas se for Elesbão, e não houver commettido senão o innocente crime de uma imperdoavel fealdade, Lisboa preparar-lhe-ha a cada canto semsaborias mortaes e tormentos incriveis.

É verdade, para desculparmos Lisboa, que Elesbão abusava enormemente da licença que tem os homens de serem feios.

Expulso do Terreiro do Paço por uns catraeiros que chamavam gente para os barcos da carreira, Elesbão sempre tapando metade da cara com o capote, entrou no jardim da Alfandega, e foi saudado por um coro geral de gargalhadas entoado por uma população de aias e crianças.

Não havia maneira de se equivocar. Todas as mãos estendiam um dedo para elle! Elesbão, no cumulo do desespero, ia precipitar-se ao Tejo, mas observou de repente um cão da Terra Nova que o esperava de goellas abertas para o estrangular... salvando-o!

O suicidio ficou addiado.

Voltou pelo mesmo caminho o nosso homem. Apresentando-se na debil esperança de uma transfiguração possivel, deixou correr o Tejo sem perturbar a tranquillidade de suas aguas, e seguiu pela rua Augusta adiante.

Á entrada logo, como é notorio, estacionam n'um barbante as applaudidas composições dramaticas do antigo theatro do Bairro-alto, e algumas das mais chorosas novellas do principio d'este seculo, taes como *A Princeza Mangalona*, *Os Infortunios de Florestan*, *João de Calais*, *A virtude premiada*, etc.

Comprou elle um *in-quarto* intitulado, *Os Doze Pares de França;* e precipitou-se de cabeça para baixo entre duas paginas d'este folheto, como fazem os myopes quando lêem um jornal.

Com o auxilio d'este disfarce... sem encadernação, mascara eventual, conseguiu atravessar o Poté das Almas sem correr grande risco, indo pelos passeios, sem se expor a ser pisado pelos trens.

Unicamente diziam algumas pessoas que o viam:

— Este individuo não quer perder o seu tempo.

— Olé! Aquelle sabio esqueceu-lhe o livro em casa!

— Ó senhor, não me deixe cair o livro nas pernas!

— Aquelle doido vae a esfregar os olhos com um cartapacio!

Elesbão, contente de se livrar de perigos com tão pouco trabalho, continuou o seu caminho, e depois de atravessar o Chiado, introduziu-se subrepticiamente na rua de S. Roque, e perdeu-se como uma sombra pagã entre as arvores de S. Pedro d'Alcantara.

Os homens de má catadura que Lisboa possue nos seus muros para alliviar a provincia, escolheram todos o passeio de S. Pedro d'Alcantara para irem passear ao meio-dia.

Um de mais não podia ser notado, quando mesmo fosse por si só mais horrendo que todos os outros juntos.

Graças a essa concurrencia de feios, Elesbão respirou alguns instantes; lá soprendia de um lado ou d'outro constellações de olhos esgazeados, que olhavam para elle de esguelha, como Dido no Elysio de

Virgilio olha o seu amante perfido; mas elle eclipsava-se de repente com uma arvore, e de eclipse em eclipse ia passeando.

Insensivelmente, os pés o foram levando pela rua do Moinho de Vento, largo da Patriarchal, rua do Sol, até nada menos do que Campo d'Ourique. Ahi, á sua esquerda, viu uma casa branca, que fallava d'esta maneira aos viandantes com as letras enormes da sua taboleta:

Novo Retiro
Vinho de armas
sem aguas
ar
dentes
Petiscos

Este letreiro, com quanto lhe parecesse um pouco confuso, fez-lhe crescer agua na boca. Entrou, com o rosto meio coberto com o in-quarto, não arriscando d'esta fórma senão metade da sua incommensuravel fealdade, e depondo o capote em cima de uma mesa, chamou o patrão da locanda.

— Patrão!

O taberneiro appareceu.

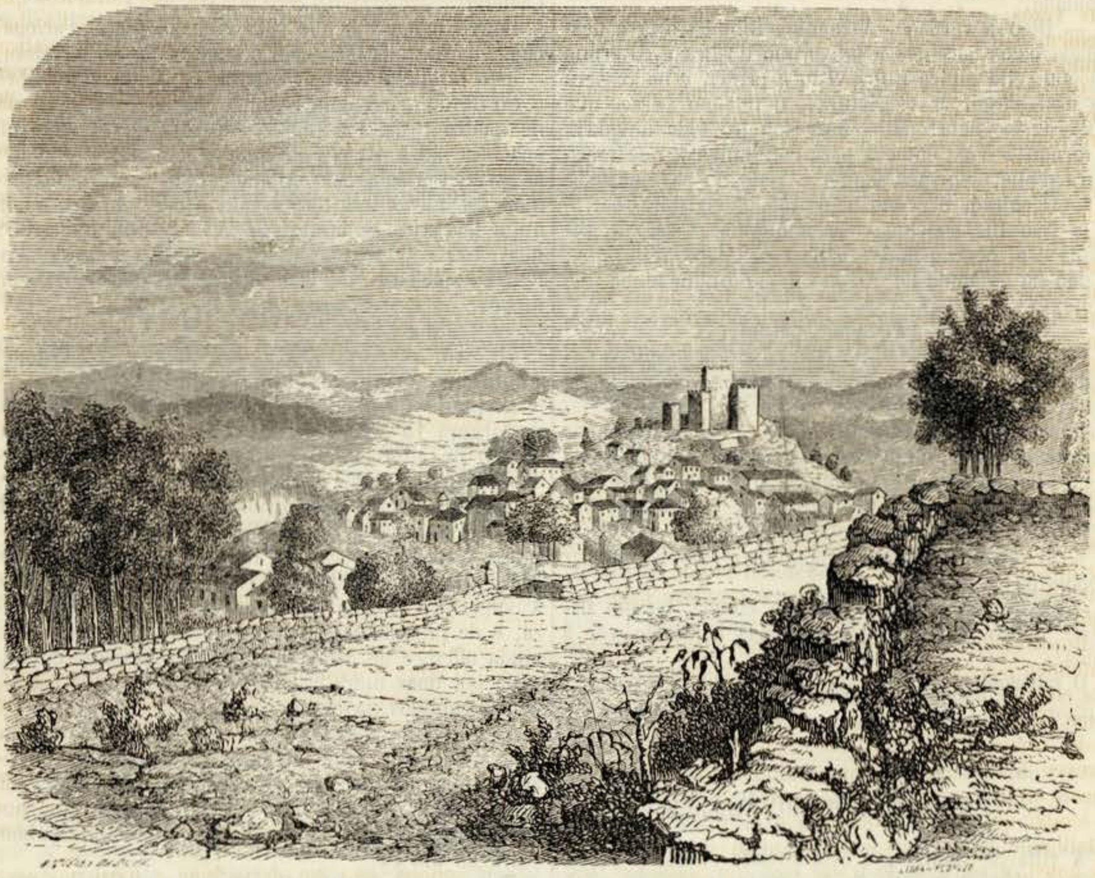
— Salta! Que ha de querer?

— O que houver!

O dono da tasca, que corrêra com um guardanapo cheio de pennas de gallinha, olhou para Elesbão por cima do craneo, e sólta um terno sorriso a meia libra com que o freguez brincava na pedra da mesa, tirando uns sons tão vivos como se tocasse a sineta do seu appetite.

— Vae vossa senhoria ser servido no mesmo instante! — disse o taberneiro, e saiu para ir buscar um guardanapo virgem de gallinha.

A quem é dado conhecer o mechanismo das coisas



Vista geral de Montalegre — Desenho de Nogueira da Silva, segundo um esboço de Lopes Mendes

do destino! Um incidente tão simples devia conduzir a bem singulares resultados! *Porém, não anticipemos os acontecimentos*, como se diz na *Historia dos doze Pares de França*.

Elesbão, sósinho na casa de jantar, abriu a janella, e encostou-se graciosamente ao parapeito.

D'este observatorio, a sua vista mergulhava n'um quintal com seu pedacinho de jardim, em que a baunilha e a madre-silva exhalavam um perfume de socego e ventura que fez humedecer as palpebras aveludadas de Elesbão.

Via-se ao fundo uma casa modesta, com uma parreirinha em ar d'alpendre, e na varanda uma casa para os pombos. Uma menina estava a colher de um vaso flores de geranio, e com a outra mão repellia brandamente um gato amarello que devastava com as unhas as rendas dos seus punhos.

Este quadro lisongeou muito a sensibilidade poetica de Elesbão. Elle estava em logar d'onde não podia ver a cara á menina, mas era impossivel que ella não fosse bella no meio de simillhante paizagem.

A contemplação ter-se-hia prolongado apesar das exigencias de um appetite que já durava havia muito tempo; mas o homem da tasca entrou triumphantemente com uma caldeirada; o esfomeado viandante, sob o apparente pretexto de cheirar o prato, continuou a esconder o que elle chamava o rosto aos olhares do taberneiro, e encetou n'esta attitude um breve dialogo com elle:

— Este prato, disse, tem um cheiro delicioso, patrão, e eu não me canço de o cheirar!

— É que eu posso gabar-me, senhor, que depois do Mathias da naifa, da Pampulha, que é o maior taful que se conhece para temperar uma caldeirada, nin-

guem me leva a palma em similhante cozinhado!

— Oh! que fumo delicioso! — disse Elesbão.

— Tome cuidado, senhor, olhe que o prato está quente, e vossa senhoria vae queimar o nariz!

— Patrão, disse Elesbão, tem vocemecê ahi debaixo d'essas janellas um quintalinho bem bonito!

— E temos a horta lá d'aquella banda, que é o que nos pertence.

— Pois sim, mas este quintalinho...

— Esse, é ahi de uma visinha, a sra. Palhares.

— Casada com um senhor Palhares?

— Não, senhor, viuva.

— Viuva! sério, patrão? viuva, com o marido morto?

— Oh! senhor! Uma verdadeira viuva! O que ha de mais viuva! Eu conheci o sr. Palhares como os meus dedos; morreu de desgosto, por não casar a filha!

— Que me diz, patrão?! — exclamou Elesbão, mostrando apenas uma quarta parte da sua phenomenal fealdade.

— Digo a verdade. A menina Bibiana estava destinada pelos parentes a um primo do Brasil. O primo chegou, elle nunca tinha visto a prima, e na vespera de assignarem as escripturas, o homem parece que dissera: — «Safa! antes ficar solteiro toda a vida!» e tornou a ir-se embora para Pernambuco, que era a terra d'elle, sem pôr sequer o visto no passaporte.

— Ó patrão, o primo pelos modos constára-lhe...

— Não lhe constou coisa nenhuma. A sra. D. Bibiana é a menina mais virtuosa de Campo d'Ourique, e não ha exemplo de que um unico militar tenha tido pretexto.

— N'esse caso, parece-me, patrão!...

— Coisas! Coisas! Uma pessoa não deve nunca entreter-se a fallar dos visinhos, quando é cá da nossa classe; armam-nos queixas ao regedor, dizem que fechâmos tarde, que se leva a noite a cantar modinhas frescas de mais, que dâmos gato por coelho, e um cento d'asneiras por este feitio! Não fallemos nós n'isso! Como acha vossa senhoria essa caldeirada? Parece que a come com os olhos, hein?

— É verdade, patrão. E que mais me ha de dar depois da caldeirada?

— A metade de uma gallinha córada, ou um fricassé de coelho, que está feito nas horas de ver a Deus!

O taberneiro saíu em seguida a estas palavras.

(Continúa) JULIO CESAR MACHADO.

VISTA GERAL DE MONTALEGRE

A villa de Montalegre está situada em 41°, 52' de latitude boreal, e 10' de longitude, tanto do meridiano da ilha do Ferro, como do de Paris, na provincia de Traz-os-Montes, 72 legoas da capital, quasi na direcção de N. S., 12 de Braga, na direcção de N. E. a S. O. da praça de Chaves, e 1 legoa ao S. de Galliza.

Esta villa está assentada sobre uma collina na margem esquerda do Cávado, senhoreada do lado do meiodia por uma cadeia de montes com suas florestas, e pelo lado septentrional, a meia legoa de distancia, é tambem senhoreada por uma cordilheira muito mais elevada, aberta pelo lado do N. E. e S. O. O seu clima d'altura é bastante elevado, egualando com pequena differença o do morro do Borrageiro, que Link, nas suas viagens a Portugal, diz ser de 3 a 4:000 pés acima do nivel do mar.

Não se sabe a epocha em que Montalegre foi fundada, nem quando foi elevada á categoria de villa.

Se reputarmos a arruinada fortaleza como obra dos romanos, como querem alguns escriptores, attenta a sua grandeza e magestade, as lapides miliares e moedas que se tem encontrado no concelho, monumentos incontrastaveis da sua existencia e demora n'este districto, não se duvidará da coexistencia d'esta povoação. Não passa todavia esta asserção de conjectura, por não haver provas evidentes, bem como as não ha do tempo em que foi graduada em villa, sendo provavel que fosse logo no principio da monarchia, porque sendo o pelourinho uma prova da sua graduação em villa, tem esculpidas as armas de D. Sancho I, que reinou pelos annos de 1186; egualmente no foral dado á mesma villa por el-rei D. Diniz em 1325, se faz menção da carta de foral dada á mesma por el-rei D. Affonso III, que reinou pelos annos de 1246: finalmente Faria e Sousa no seu *Epitome de historia Portugueza*, pag. 448, descrevendo a vida de D. João I entre os annos de 1357 e 1415, diz, que além d'outras terras principaes do reino, a villa de Montalegre já estava pelo partido do rei de Castella.

Houve tempo em que esta villa foi praça d'armas, cuja guarnição residia com o governador na fortaleza.

Esta fortaleza acha-se situada ao N. da villa sobre o rio Cávado, em uma risonha collina, e é composta de quatro torres; a maior, do lado do N., tem na sua base 36 a 40 pés em quadro, e d'altura 68 a 70: as primeiras salas são de abobada de cantaria de primor; as outras tres torres para a parte do sul, tendo a que fica do E. de largura 30 pés e de altura 58 a 60: quasi todas as pedras são numeradas; a terceira torre tem na sua base 15, e de altura 50, pouco mais ou menos: na face externa, junto á base, as duas inscripções seguintes:

«R. Aff. IV anno 1331.» Reformou o L.^do^ Manuel Antunes de Vianna anno de 1580.

A quarta torre ao O. da antecedente tem na base de largura 15 pés, e de altura 35; é massiça até um quarto de altura, e já não tem ameias: eram ligadas as quatro torres por uma muralha quasi circular, que comprehendia interiormente um terreno de 320 pés de comprido a 80 de largo, e uma grande e profunda cisterna construida toda de cantaria, á qual se descia por escada de pedra até á grade, tendo á superficie d'agua 12 pés em quadro de largura, e de profundidade, apesar de entulhada de pedra, ainda offerece de 30 a 35 pés. Era a fortaleza circundada por duas muralhas com seus respectivos fossos, hoje demolidos na maior parte.

Tem a villa duas praças, uma do Pelourinho no centro da villa, onde se fazem mercados ou feirões ás quintas e domingos de cada semana: outra do Toural, onde se faz a feira de gados, bestas, etc., nos antepenultimos dias de cada mez, e agora tambem outra no dia 14.

Tem uma boa casa de camara e audiencia; uma cadeia com duas salas e duas enxovias; tem casa de misericordia, porém pobre, roda de expostos, e uma capella da SS. Trindade, defronte da cadeia, com um legado para se dizer missa aos presos.

Todos os edificios ou casas particulares são em geral de inferior architectura, pouco commodas e reparadas, e de ordinario cobertas de colmo.

O solo é arenoso, tem excellentes aguas; tres são as fontes mais frequentadas, uma na praça do Toural, outra denominada de Oiro, e terceira a da Pipella no bairro da Portella, e fóra outras particulares e mais remotas.

O clima é muito frio, algumas vezes o thermometro de Réaumur tem descido 5-gr. É variavel em razão da sua latitude e altura, situação, disposição de montanhas, e abertura do lado de SO. e NE., d'onde reinam mais constantemente os ventos, acarretando comsigo as chuvas da parte do mar, e os gelos e neves da serra da Senabria do lado do NE., concor-

rendo egualmente a sua proximidade do rio, as aguas estagnadas nos açudes, e as circumvisinhas, compridas e sombrias florestas, como aquella que fica ao SO., e em declive para a mesma villa chamada Avellar.

Ha n'esta villa da parte do N. duas pontes lançadas sobre o rio Cávado, por onde correm duas estradas que guiam para os logares limitrofes da Galliza, e para aquelle.

Divide-se a comarca de Montalegre em dois concelhos: o de Montalegre, que tem 35 parochias, 3:504 fogos, 17:003 habitantes, e 82 padres; o de Boticas, que tem 16 parochias, 2:032 fogos, 9:750 habitantes, e 37 padres; sendo a somma total de 51 parochias, 5:536 fogos, 26:753 habitantes, e 119 padres.

Dos 51 parochos existentes, só quatro são de fóra da comarca. Existem fóra d'ella, no Minho e outros pontos, 21 parochos naturaes de Barroso. Entre uns e outros ha alguns de reconhecido merecimento litterario.

Bachareis pela universidade de Coimbra, em 1862, 8. D'outras escholas superiores saíram 3.

Estas noticias foram obsequiosamente enviadas de Montalegre pelo rev. abbade de S. Vicente da Chã, em grande parte extrahidas da memoria que seu respeitavel pae, o fallecido dr. José Dias dos Santos, publicou em 1839.

E tambem s. rev. nos remetteu as seguintes correcções ao artigo sobre a terra de Barroso inserto a pag. 38 d'este vol.

A pag. 38 — Rio Cávado — Desemboca no Oceano entre Espozende e villa do Conde — deve ser — entre Espozende e Fão.

Ibidem — Rio Beça — até desembocar no concelho de Cabeceiras de Basto — deve ser — até desembocar no Tamega ao nascente do concelho, etc.

Pag. 38 e 39 — Rio Terra, aliás Terva.

Pag. 38 — Negões — deve ser Negrões.

Pag. 38 e 39 — Leirando — deve ser — Leiranco.

Pag. 39 — Eminencia de Locunha — deve ser — Lasenho.

Barroso não é desfavoravel ás letras, e a civilisação progride na classe mais illustrada.

Ha grande exaggeração em se dizer que o barrosão vive conjunctamente com os seus gados; apenas de cem ha um.

LEITURAS MORAES

DO RESPEITO FILIAL

Ouvem-se cada dia entre nós repetidas queixas de que a natureza perde á vista d'olhos o seu imperio, e que, entre nós, as relações mais dignas de amor se vão desatando e afrouxando, a ponto de virem mui cedo a romper-se de todo.

Mas estas queixas serão bem fundadas?

Magoa-nos confessar isto, mas parece que á proporção que adquirimos mais luzes, perde o coração a sensibilidade.

D'isto não daremos mais que uma prova, e é, que se lançarmos os olhos para a antiguidade, veremos com quanto respeito os mancebos tratavam os anciãos, e os paes de familias.

A historia sagrada está cheia de lances de obediencia religiosa para com os paes. Ainda hoje um dos maiores imperios do mundo subsiste fundado sobre o amor e a veneração que os filhos devem a quem lhes deu a vida, e os europeus, que se chamam politicos, apartam-se tanto d'estas maximas, que entre a nossa gente de bem, o filho ousa tratar o pae, como a qualquer estranho, por senhor, e a mãe por senhora, como se os nomes de *meu pae e de minha mãe* não fossem mais doces de proferir que todos os outros, ou se fosse jámais sobeja a repetição de tão caros nomes.

Quão dignos de lastima somos quando já os não podêmos nomear! Lembre-nos então que temos um pé na sepultura, quando a morte nos rouba os preciosos arrimos da nossa existencia.

Para exemplo do amor filial, cumpre trazer á memoria a multidão de soberanos que dividiram entre si a Hespanha, logo que a potencia mauritana começou a sentir os primeiros abalos.

Era um d'elles el-rei Fernando de Aragão, tão amante do principe seu filho, que deixando o throno, elevou-o, resistindo o principe, á soberania do imperio. D. Affonso merecia ao pae aquelle amor illimitado, porque, se é licito dizel-o, não vivia senão por amor d'elle. Quando saía a pelejar com os inimigos dos christãos, não se ia do paço antes de pedir a benção paternal, e quando voltava, os primeiros passos o levavam aos pés de seu pae, entre cujos cuidados, e os da republica, repartia o seu tempo.

Quando o principe lhe não assistia, deixava junto a el-rei pessoas de confiança, zelo e provada fidelidade. Talvez erguia-se alta noite, para se ir desenganar se el-rei descançava, ou tinha algum incommodo. Nunca se sentava em sua presença, sem que o pae lh'o mandasse, e dizia muitas vezes, que se os filhos podessem ter mais de um Deus, a seu pae haveria elle por segundo.

Este principe, vindo de ganhar aos moiros uma batalha memoravel, não póde o pae conter-se com o alvoroço de o ir buscar ao caminho, e banhar o heroico mancebo com suas lagrimas. O bom velho quiz por todos os modos que o pozessem n'uma liteira, apesar das suas enfermidades, e das advertencias de pessoas da sua devoção, que lhe diziam:

— Senhor, bem sabeis que el-rei vosso filho nos ordenou que vigiassemos pela vossa conservação.

Elle, porém, lhe replicou:

— Amigos, ficae certos, que o gosto de abraçar meu filho victorioso, ha de restituir-me todo o vigor. Não me negueis o que eu hei de reconhecer por um serviço de muito momento.

Saíu portanto Fernando de Aragão ao encontro do filho, o qual, logo que avistou seu pae, apeou-se do cavallo, e veiu correndo abraçal-o, e sem poder apartar-se d'elle, exclamava:

— Ah! Se a minha victoria me causa uma deliciosa embriaguez, é porque a vejo premiada com as caricias de meu pae.

E pondo-se a seguir a liteira a pé, debalde tentou Fernando, com as mais urgentes instancias, e até supplicas, que elle se pozesse a cavallo.

— Meu filho, dizia o ancião, não é justo que vades a pé, quando os outros me seguem a cavallo.

Ao que o principe replicou:

— Esses que vão a cavallo, senhor, não são vossos filhos.

Esta foi a unica resposta d'este principe, digno exemplar dos filhos respeitosos, e assim como ia a pé continuou o seu caminho.

Antonio de Moraes e Silva. [1]

A SARIGUEIA DO BRASIL OU TAIBI

Os marsupiaes ou animaes de bolso, tambem chamados didelphos, formam na classe dos mammiferos uma familia importante, e inteiramente distincta das outras pela distribuição geographica, pelos habitos, pelos caracteres exteriores, e sobretudo pelo modo da

[1] Auctor do *Diccionario*, nas «Recreações de um homem sensivel.»

geração. As femeas tem debaixo do ventre um bolso formado por duas pregas da pelle, que se dilatam dos dois ossos do pubis chamados *marsupiaes*, d'onde provém a denominação que os naturalistas deram a esta familia. Quando o feto está já formado passa para este bolso, onde se faz uma segunda gestação, que se podia chamar a gestação mammal, porque ahi é que a femea conserva e amammenta os filhos até elles adquirirem força bastante para supportarem o contacto do ar e se moverem. Este bolso tem uma fenda de 4 centimetros, que serve de boca, e que o animal abre e fecha quando quer dar abrigo aos filhos. Quando os sente já vigorosos, vae-os expondo, de tempo a tempo, ou á chuva para os lavar, ou ao sol para os acostumar ao ar. Logo que abrem os olhos, manifesta-se a ternura e alegria da mãe; brinca com elles, ameiga-os, dá grandes saltos, e os excita a fazer outro tanto com mil macaquices. Chegando o tempo de os desmammar, que é quando tem força bastante para andar, a mãe vae-os repellindo de si para que busquem a comida; mas ainda os desvelos maternaes não os abandonam de todo; segue-os com os olhos, e se algum perigo os ameaça corre logo a soccorrel-os, torna a fazel-os entrar no bolso, vae pôl-os



Sarigueia do Brasil ou taibi

em logar seguro, e não os desampara senão quando de todo podem passar sem ella.

Os marsupiaes são nativos da America, principalmente da America do Sul; mas tambem ha muitos nas ilhas do archipelago das Indias, e sobretudo em Nova-Hollanda. Na America não são muito numerosos; reduzem-se todos á familia dos pedimanos, e quasi exclusivamente ao genero das sarigueias, de que ha varias especies.

A que representa a nossa estampa é a sarigueia do Brasil, que alli chamam *taibi* e tambem *gambá*.

Este animal tem 44 centimetros de comprido, contados do focinho até á origem da cauda, a qual só por si tem 33 centimetros, quasi toda, excepto pela parte inferior, coberta de escamas, de sorte que parece uma cobra, e serve para este bicho se pendurar nas arvores, como fazem certos macacos. Os pés tem cinco dedos, o pollegar separado, opposto aos outros, e d'ahi vem a estes mammiferos o nome de *pedimanos*, que quer dizer que tem pés com figura de mãos.

A sarigueia faz guerra ás aves, causa grande estrago nas capoeiras, e gosta muito de chupar sangue. Quando porém lhe falta a caça, vive de folhas, fructos e cascas de arvores. Senta-se habitualmente sobre a parte posterior, faz macaquices com as patas, trepa ás arvores, pendura-se nos ramos pela cauda, balança-se, e n'esta postura espreita a caça, caindo-lhe em cima na passagem. Amansa-se facilmente, mas o fetido que exhala é tão insupportavel, como é desagradavel a sua figura. As orelhas são como as do morcego, o corpo tem um aspecto sordido, o pello, entre liso e crespo, não tem lustre algum, antes parece estar sempre coberto de lodo. Na pelle é que reside todo o mau cheiro que ella tem, porque a carne não desagrada ao paladar, antes é um dos manjares exquisitos dos selvagens.

Estes animaes tem celebridade pelos romances inventados sobre a sua procreação, antes de ser anatomicamente conhecida. Sirva de exemplo a fabula de Florian, intitulada; *A sarigueia e seus filhos*.

Os antigos tiveram conhecimento de alguns masurpiaes proprios das Indias. Plutarcho, no seu *Tratado dos paes para com seus filhos*, diz: Vêde esses *gatos*, que depois de terem dado os filhos á luz, os recebem outra vez no seu ventre, d'onde os deixam sair para procurar alimento, recolhendo-os depois para que durmam agasalhados. Estas palavras do auctor grego só se podem applicar a algum masurpial. Buffon queria que estes animaes pertencessem exclusivamente á America; mas, pouco tempo depois da publicação da obra d'este grande naturalista, o conhecimento da Australia mostrou que n'esta parte do mundo, sobre tudo, é que era mais commum similhante sub-classe de mammiferos.